



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

**NARRATIVAS ACERCA DAS EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO: A
ESCOLA COMO LUGAR POSSÍVEL DA REINVENÇÃO COTIDIANA DOS
NOSSOS TRABALHOS**

Maurício Eugênio da Silva¹
Alexandre Marchiori²

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo fazer uma meta-reflexão focalizando uma ação estabelecadora de formação inicial de professores, fundada numa intervenção proposta pela disciplina Estágio Supervisionado em Educação Física II, adota a narrativa, como elemento divulgador das práticas educativas que ao resgatarem no cotidiano da escola o compartilhar de experiências, reinventam as relações dos nossos trabalhos.

INTRODUÇÃO

Fazer *narrativas acerca das experiências de intervenção*, incorporando o cotidiano como espaço-tempo da relação professor-aluno, é o desafio lançado pela disciplina Seminário de Estudos do curso de Educação Física - EAD da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) de projetar a escola como um local de possível reinvenção cotidiana dos nossos trabalhos, e afirmar a prática educativa, como um espaço plural de produzir e compartilhar conhecimento.

O presente texto é uma *meta-reflexão* que, ao focalizar uma ação estabelecadora de formação inicial de professores, fundada numa intervenção proposta pela disciplina Estágio Supervisionado em Educação Física II, adota a narrativa, como elemento divulgador das práticas educativas que ao resgatarem no cotidiano da escola o compartilhar de experiências, reinventam as relações dos nossos trabalhos.

DESENVOLVIMENTO

O presente texto contempla os aspectos da constituição docente e reflete sobre o processo de estágio desenvolvidos nas disciplinas Estágio Supervisionado em Educação Física I e II e resgata os conhecimentos de todas as demais disciplinas já estudadas e,

¹ Acadêmico do curso de licenciatura em Educação Física da UFES/PROLICEN

² Tutor a Distancia do curso de licenciatura em Educação Física da UFES/PROLICEN



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

também, aquelas que se encontram em andamento no curso de Educação Física - EAD da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os fascículos da professora Zenólia Figueiredo (Educação Física, Formação Docente e Currículo) e Francisco Caparroz (Elaboração de Memória Profissional I) nos auxiliaram muito na produção desse texto, porque tratam diretamente da tarefa que estamos desenvolvendo, ou seja, a produção das narrativas das experiências de intervenção na escola campo escolhida para estágio.

Segundo Figueiredo (2009), nas práticas docentes estão contidos elementos muito importantes, como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está configurada teoricamente.

Minha chegada na escola-campo não trouxe grande dificuldade, porque não enfrentei situações muito diferentes daquelas que já vivencio a mais de 24 anos no exercício do magistério. Sou graduado em Normal Superior e professor efetivo da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Benedita Monteiro”, que escolhi para estagiar. A experiência que carrego foi favorável para o desenvolvimento das atividades inerentes ao Estágio Supervisionado. Para Figueiredo (2009), é importante pensar nessa questão da experiência que temos e o que com ela faremos, sobretudo, se considerarmos o professor como sujeito ativo de suas aulas.

A formação que recebi e que estou recebendo tem me ajudado no estágio, tanto no planejamento das aulas quanto no momento de executá-las. A fundamentação teórica adquirida nas disciplinas previamente ou simultaneamente estudadas durante o curso nos estimula na busca de exemplos práticos que corroborem com os conhecimentos que estamos nos apropriando para trabalhar com os sujeitos, em um trabalho de campo, onde as atividades práticas são realizadas a partir desse embasamento adquirido.

De acordo com Figueiredo (2009), uma identidade profissional se constrói pelo significado que cada professor confere à atividade docente no seu cotidiano; a partir de significação social da profissão; da revisão dos seus significados sociais; da revisão das tradições e, também, da reafirmação de práticas consagradas culturalmente.

Trazer para o presente texto a reflexão sobre a prática educativa e sobre a relação professor-aluno, não é simplesmente evidenciar a circunstância vivida, mas olhar criticamente sua significação. A escola como lugar instituinte de práticas pedagógicas é também espaço de práticas solidárias. E, o trabalho desenvolvido com o estágio apresenta a escola como lugar de reinvenção e reflexões que possibilitam a compreensão do fazer docente. A narrativa reflete o cotidiano, criado na experiência da intervenção.

Segundo Rocha et al (2011), a nossa intervenção pedagógica não pode se limitar a saber ensinar. Afinal, o sujeito de direitos (o aluno) não depende do conhecimento que



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

dominamos para sobreviver, para ser feliz, conhecer o mundo e se relacionar com os outros. Por isso que a tarefa do magistério é, acima de tudo, política. A ação pedagógica deve ocorrer simultaneamente à ação política, realizando-se no momento em que estudamos, planejamos, mediamos e avaliamos nossas aulas.

Também é tarefa da educação desenvolver e consolidar novas práticas de convivência e solidariedade, capazes de enfrentar o desafio de recuperar a diferença como relação efetivamente construída, que tem na solidariedade o fundamento para a construção de uma postura educativa que não vê o outro, a outra cultura como deficiência ou como mera diferença, mas o reconhece como legítimo outro. O que implica pensar a escola como espaço plural que congrega diferentes sujeitos e diferentes culturas, que traduzem diferentes formas de organizar o real e responder aos desafios da vida cotidiana.

Uma educação fundada na lógica da diferença tem como ponto de partida e como meta à inclusão, aqui entendida como abertura ao outro. Tal postura coloca a diferença como relação sólida, como possibilidade de cooperação e reciprocidade, que se traduz em atitudes de solidariedade. Pois segundo Caetano e Gomes (2012), pensar e potencializar em nossos alunos comportamentos que gerem uma visão de mundo pela via da inclusão do outro é, sem dúvida, pensar em ações pró-ativas e que evidenciam a vontade e a disposição de lutar por uma sociedade de tolerância e compreensão da diversidade e da diferença.

O relato da experiência e as reflexões promovem e exprimem um compartilhar necessário à transformação das práticas cotidianas e a construção de novos conhecimentos. Descobrir no cotidiano da escola o compartilhar de experiências, criando situações para que os futuros professores possam refletir sobre suas práticas e vivenciar a teoria que está presente em suas ações cotidianas, é investir no processo de formação, que ao procurar reinventar o trabalho na escola, reinventa a relação professor-aluno, pela ampliação/consolidação de práticas de convivência e solidariedade.

Nóvoa (2007) citado por Caparróz (2009) ao tratar da questão dos processos de reconstrução do conhecimento profissional que professores devem desenvolver numa perspectiva reflexiva, explicita a importância de que estes saibam analisar, mas também analisar-se. Na verdade, fazer narrativas das experiências de intervenção como instrumento de formação de professores e do espaço escolar como um lugar possível da reinvenção cotidiana das nossas práticas pedagógicas é privilegiar os nossos alunos como forma de conhecer, compreender, intervir, transformar a realidade.

Neste sentido, Caparróz (2009) argumenta que o desafio apresentado, aqui, pela escrita é o de conseguirmos construir uma narrativa na qual possamos expressar nossas experiências em nosso trabalho docente e, assim, construir um conhecimento sobre este trabalho. Um conhecimento assentado numa reflexão crítica acerca do que vivemos em nossa prática pedagógica e que nos permita reconhecemo-nos como autores. “A narração dá conhecimento, outorga compreensão à realidade; o escrito, explica a vida.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

Mas a diferença do pensamento [e da palavra falada], o escrito, escrito está” (FERRER CERVERÓ, 1995 apud CAPARRÓZ, 2009).

A Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Benedita Monteiro”, palco dessa intervenção e local onde pude exercitar a prática docente é administrada pela Professora Jociany Ferreira Florentino, sendo auxiliada pelos Pedagogos: Elizeu Quintino de Oliveira e Karla Andréia Cardoso. Essa escola está situada no Bairro Benedita Monteiro, localizado na sede do município de Ecoporanga-ES.

Os alunos do 5º Ano 01, do turno matutino, foram os protagonistas dessa intervenção. A turma tem a Professora Cleidimar Dias Ferreira como regente e o Leomar Martins Fernandes Dias como Professor de Educação Física. A classe tem 26 (vinte e seis) alunos, sendo 14 (catorze) meninas e 12 (doze) meninos. Essa turma tem dois alunos com deficiência. Uma é cadeirante (deficiente físico) e outro apresenta deficiência mental (intelectual).

As aulas foram planejadas e organizadas incluindo todos os alunos pela abordagem crítico-emancipatória (Kunz, 2004), priorizando situações pedagógicas que são desencadeadas a partir do envolvimento dos educandos na busca de estratégias para solucionar os problemas apresentados pelo professor. Optamos por essa abordagem, porque percebemos que as questões relacionadas à prática pedagógica do esporte na escola precisam ser repensadas e revistas, e nela encontramos suporte teórico metodológico para o desenvolvimento do esporte numa concepção crítica, sendo este seu principal objetivo.

As aulas foram realizadas duas vezes por semana e, no início de cada uma, era formada uma roda, onde eram apresentados os objetivos do dia e colhida impressões da anterior. Em seguida, realizávamos o aquecimento por meio de atividades lúdicas (jogos e brincadeiras) e a atividade principal através de exercícios voltados para os fundamentos do basquete. Encerradas as atividades, era formada uma roda onde o aluno avaliava a aula.

O conteúdo trabalhado está relacionado ao tema esporte e, em particular, a uma modalidade coletiva com interação, que se trata dos *fundamentos do basquetebol*, que consta no Plano de Unidade feito para a Oficina de Docência 3 e, que foi ministrado num conjunto de vinte e duas aulas.

Segundo González e Bracht (2012), os esportes (coletivos) são uma parte de nossa cultura corporal de movimento e a responsabilidade de passar às novas gerações esse conhecimento é da Educação Física. O conhecimento abordado pela Educação Física é, conseqüentemente, parte da cultura humana.

Ainda, de acordo com González e Bracht (2012), para que as pessoas possam exercer plenamente a cidadania, é preciso que elas tenham acesso também a essa parcela da



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

cultura, que vem a ser a cultura corporal de movimento. Porém, esse acesso não deve ser apenas no sentido de aprender a praticar os esportes, mas também de compreendê-los profundamente.

Praticamente todos os alunos demonstraram ter interesse pelas aulas. Um ou outro, não se importavam com os acontecimentos, independentemente da atividade que fosse proposta. Raramente a conversa era generalizada, sendo necessário chamar atenção dos alunos, que já não mais nos viam como estagiário, mas sim professor.

Não tivemos dificuldades para envolver toda a turma. Na maioria das vezes, os alunos tiveram uma participação importante para o andamento da aula, porém alguns alunos se sentiam acomodados, quando o chamávamos a participarem dos exercícios. Há dois alunos especiais na turma que não participaram totalmente das aulas, mas mesmo assim, a mediação do conhecimento foi satisfatória.

Ao vivenciar as experiências de intervenção na escola, afirmando-a como lugar possível da reinvenção cotidiana dos nossos trabalhos, atualizamos oportunidades já existentes e desenvolvemos possibilidades de recriar modelos pedagógicos, através da prática educativa, que tem como foco principal o estudante. A escola é o lugar imediato da experiência do fazer docente. É na escola que a experiência é vivida, onde o planejamento ganha sentido.

Procuramos desta forma, articular o processo de formação de professores a partir do trabalho desenvolvido na intervenção. Tal articulação se apóia numa posição que vê o trabalho docente com novos modelos pedagógicos, como uma estratégia importante à construção de uma nova forma de pensar/praticar a formação dos professores, buscando superar os paradigmas tradicionais. Reinventando sua prática, o professor se torna reflexivo.

Muita coisa mudou em minha prática docente, a partir desse processo de estágio. Passei a refletir sobre minha prática, desde a elaboração até a execução das aulas e, também, da avaliação. Percebi que o ensino deve levar o professor e o aluno a refletir, a modificar a sua realidade. Passei a ter uma visão mais crítica, voltada não apenas para o saber (conhecimento epistemológico) e o saber fazer (conhecimento técnico), mas também para o saber ser que é o posicionamento crítico tanto profissional como político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa *meta-reflexão*, na perspectiva da formação de professores, os aspectos ocultos das experiências vividas, sob diferentes circunstâncias, encontram expressão e adquirem sentido. As narrativas do cotidiano das aulas realizadas se traduzem em memórias que, ao recriarem o sentido das imagens e refazerem os sentidos da



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

experiência, nos possibilitam construir novos significados para nossas vidas e sobre nós mesmos.

A idéia dessa *meta-reflexão* surgiu associada ao modo como lidamos com os problemas da prática profissional nas aulas que desenvolvemos durante o período de intervenção programado pela equipe de Professores de Estágio Supervisionado em Educação Física II. Foi a possibilidade de vivenciar alguns momentos de incerteza e estar abertos a novas hipóteses dando, assim, forma aos problemas que surgiram, descobrindo novos caminhos, construindo e concretizando soluções, enfim, reinventando a prática docente.

REFERÊNCIAS

CAETANO, Andressa Mafezoni; GOMES, Vitor. **Educação e Inclusão**. Vitória, ES: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

CAPARRÓZ, Francisco Eduardo. **Elaboração de memória profissional I**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Pró-Licenciatura em EF Modalidade EAD, 2009.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. **Educação física, formação docente e currículo**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Pró-Licenciatura em EF Modalidade EAD, 2009.

GONZÁLES, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do ensino dos esportes coletivos**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

NASCIMENTO, Ana Claudia Silverio et al. **Estágio supervisionado 2**. Vitória: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

ROCHA, Luiz Alexandre Oxley da et al. **Ensino da educação física no ensino fundamental e médio**. Vitória, ES: UFES, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2011.